

O leitor brasileiro de blog

Fernando Moreno da Silva (UNESP/PG)

Blog, muitas vezes chamado de diário virtual, é uma espécie de página pronta na internet, na qual o autor pode publicar livremente qualquer tipo de texto. Ferramenta originária da internet, o *blog* foi criado em 1997. No Brasil, os *blogs* começaram a ser escritos por volta de 2000. Por se tratar de uma ferramenta relativamente nova, há pouca pesquisa na área, constituindo vasta área de estudos.

Com a proposta de analisar a imagem do leitor brasileiro de *blog*, com base na semiótica francesa, a pesquisa trabalhou com os conceitos de enunciador e de enunciatário, instâncias linguísticas que correspondem ao que a Retórica chama, respectivamente, de *ethos* e de *pathos*: imagens construídas ao longo do texto do destinador e do destinatário.

Dentre várias possibilidades e critérios de escolha do material a ser analisado, estabeleceram-se como parâmetro de investigação os *blogs* mais acessados, pois neles estaria, em teoria, a representação da maioria desses leitores.

Para se chegar a um *corpus* que contivesse os *blogs* mais acessados do país, o trabalho valeu-se de duas metodologias, reunindo uma amostragem referente a todo o ano de 2006, ano-base sobre o qual se debruça o estudo. O primeiro método foi proceder a um levantamento dos *blogs* mais votados pelos próprios internautas. Das 41 listas colhidas ao longo do ano, dois *blogs* se destacaram, ambos do portal UOL: “Paz, amor e magia” e “EspalhaMerda”.

No segundo método, apreendi meu *corpus* a partir de duas listas publicadas na mídia. A Revista *Época* publicou em julho de 2006 os oito *blogs* com maior número de acessos. Ao final de 2006, foi a vez do site *IDG Now!* lançar um *ranking* com os dez *blogs* mais populares da internet brasileira. Do cruzamento dessas duas listas, mantendo os *blogs* que se repetiam e excluindo os que apareciam em apenas uma, chegou-se à lista dos *blogs*: Interney (www.interney.net); *Blog* do Noblat (oglobo.globo.com/pais/noblat); Kibe Loco (www.kibeloco.com.br); Cocadaboa (www.cocadaboa.com); EspalhaMerda (espalhamerda.zip.net); Paz, amor e magia (paz.amore.magia.zip.net).

Ilustrando com a fluidez a conjuntura na qual vivemos, Zygmunt Bauman utiliza a expressão “modernidade líquida”. Assim, a internet foi uma circunstância criada pelo

desenvolvimento tecnológico que, por sua própria condição, a navegação pelo mundo todo a partir de um terminal de computador, introduziu uma nova forma de conhecer esse mundo. O desprendimento que o mundo virtual proporcionou refletiu no blogueiro como “efeito colateral” a transitoriedade, a possibilidade de mudança.

Uma das características da era contemporânea é o dinamismo, intimamente associado à ideia de leveza. O leve se desloca com facilidade. *Blogs* são leves, deslocam-se. Hoje crio uma página. Amanhã a abandono. Os *blogs* aqui analisados podem amanhã estar fora de funcionamento, sem atualização. Outros *blogs* podem conquistar a atenção dos leitores. Não se espera mais a duração eterna. “A modernidade ‘fluida’ é a época do desengajamento, da fuga fácil e da perseguição inútil. Na modernidade ‘líquida’ mandam os mais escapadiços, os que são livres para se mover de modo imperceptível”, diz Bauman.

A imagem do leitor se revela tão complexa quanto a própria rede. Uma página na internet não é apenas uma página estanque. Em cada nova página que se abre, grande variedade de leitura há. Pelos *hiperlinks* ela se divide, se multiplica em inúmeras opções, possibilita tomar vários caminhos, forma várias concepções. O *hiperlink* é condição para o espaço virtual e perfeita metáfora para entender o próprio leitor de *blog*, fragmentado por conta das comunidades com os quais se linka. O conjunto significante do nosso *corpus* traduz um leitor-*link* e, a partir dele, uma complexidade se cria.

Os seis *blogs* analisados, portanto, revelam um leitor-enunciatório heterogêneo, com várias formas de vida. É jovem e feminino quando se interessa pela amizade, pelo amor, pela natureza. É machista quando usa a mulher como objeto sexual e se diz assumidamente canalha. É crítico e ao mesmo tempo irreverente quando não perdoa nada do que se diz ou do que se mostra. É baixo e mentiroso quando não se preocupa em inventar brincadeiras. É maduro e culto quando se interessa pela política, mas aceita ironias bem formuladas. É moderno e antenado quando busca o engajamento no mundo digital. Ora busca o riso fácil, com comicidade, grotesco, paródia e sátira, nos termos de Pirandello (1996); ora, busca o riso mais fino, com ironia e humor.

Mas nesse mosaico de figuras predomina invariavelmente três características: o desejo de buscar uma identificação com o que lê (narcisismo); a sensação de caminhos sem barreiras (pseudoliberalidade); e uma leitura descontraída (lúdico).